

## AFETOS POSITIVOS E NEGATIVOS E AUTOEFICÁCIA EM JOVENS DO ENSINO MÉDIO

Ana Paula Porto Noronha<sup>\*</sup>, Patrícia Carla dos Santos Freitas<sup>\*\*</sup>, Nayane Martoni Piovezan<sup>\*\*\*</sup> Maria Cristina Rodrigues Azevedo Joly<sup>\*\*\*\*</sup>

Universidade São Francisco

### RESUMO

Esse estudo teve por objetivo verificar a relação entre os afetos positivos e negativos e a autoeficácia para a escolha profissional em estudantes do nível médio. Adicionalmente, pretendeu-se investigar as possíveis diferenças de médias em função da idade, tipo de escola e gênero. Foram utilizadas a *Escala de Afetos Zanon* e a *Escala de Autoeficácia para Escolha Profissional, aplicadas de forma coletiva em 60* estudantes do Ensino Médio provenientes de uma escola pública e outra particular do interior de São Paulo, sendo que 51.7% eram do sexo feminino. As idades variaram entre 14 e 18 anos, com média de 15.57. Foram encontrados coeficientes de correlação estatisticamente significativos entre os Afetos Positivos e dois fatores da EAE-EP, bem como o escore total. Na variável gênero houve diferença significativa para os afetos negativos e para um dos fatores da EAE-EP e para o escore total, com as meninas obtendo maior média em ambos.

*Palavras-chave:* avaliação psicológica, psicologia positiva, autoeficácia, bem-estar subjetivo.

### NEGATIVE AND POSITIVE AFFECTS AND SELF-EFFICACY OF HIGH SCHOOL STUDENTS

#### ABSTRACT

This study aimed to investigate the relationship between positive and negative affects and self-efficacy for career choice for high school students. Additionally, we sought to investigate possible differences according to age, type of school and gender. We used the Zanon Scale of Affects and the Self-Efficacy Scale for Professional Choice, applied collectively in 60 high school students from a public school and a private one in the state of São Paulo, and 51.7% of them were female. Their ages ranged between 14 and 18 years, with an average of 15.57. We found statistically significant correlations between the two factors of EAE-EP and Positive Affects, as well as the total score. The gender variable presented significant differences for negative affects and a factor of EAE-EP and for the total score, with girls achieving higher average in both.

*Keywords:* psychological assessment, positive psychology, self-efficacy, subjective well-being.

<sup>\*</sup>Doutora em Psicologia Ciência e Profissão pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Docente do Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em psicologia da Universidade São Francisco. Bolsista Produtividade em Pesquisa do CNPq. Correspondência: Rua Alexandre Rodrigues Barbosa, 45, Centro Itatiba – SP. CEP: 13.251-900, ana.noronha@usf.edu.br

<sup>\*\*</sup>Psicóloga graduada pela Universidade São Francisco.

<sup>\*\*\*</sup>Mestre em Psicologia pela Universidade São Francisco e doutoranda do Programa de Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em psicologia da Universidade São Francisco. Bolsista CAPES.

<sup>\*\*\*\*</sup>Doutora em Psicologia da Aprendizagem e Desenvolvimento Humano pela Universidade de São Paulo. Docente do Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em psicologia da Universidade São Francisco. Bolsista Produtividade em Pesquisa do CNPq

## AFFECTOS POSITIVOS Y NEGATIVOS Y AUTOEFICACIA EN JÓVENES DE SECUNDARIA

### RESUMEN

Este estudio tuvo por objetivo verificar la relación entre los afectos positivos y negativos y la autoeficacia para la elección de carrera en estudiantes de secundaria. Adicionalmente, se pretendió investigar las posibles diferencias de promedios en función de la edad, tipo de escuela y género. Fueron utilizadas la *Escala de Afectos Zanon* y la *Escala de Autoeficacia para Escolha Profissional* (EAE-EP), aplicadas de forma colectiva en 60 estudiantes de Secundaria provenientes de una escuela pública y otra privada de São Paulo-Brasil, siendo 51.7% del sexo femenino. Las edades variaron entre 14 y 18 años, con promedio de 15.57. Fueron encontrados coeficientes de correlación estadísticamente significativos entre los Afectos Positivos y dos factores de la EAE-EP, así como el score total. En la variable género hubo diferencia significativa para los afectos negativos y para uno de los factores de EAE-EP y para el score total, obteniendo las niñas un mayor promedio en ambos.

*Palabras claves:* evaluación psicológica, psicología positiva, autoeficacia, bienestar subjetivo.

O movimento da Psicologia Positiva surgiu nos Estados Unidos, em 1998, a partir da iniciativa de Martin Seligman que, juntamente com outros cientistas começou a desenvolver pesquisas a fim de promover uma mudança do foco dos estudos, de modo que além das patologias, os aspectos saudáveis do indivíduo também fossem investigados (Seligman, 2004); essa vertente da Psicologia passou a ser definida como o estudo científico de emoções positivas, forças e virtudes humanas (Seligman & Csikszentmihalyi, 2000). A abordagem tem oferecido espaço para o estudo do funcionamento saudável das pessoas, grupos e instituições, preocupando-se em exaltar características saudáveis ao invés de corrigir deficiências, e trabalhando com a prevenção.

A Psicologia Positiva não tem como objetivo negar o sofrimento, uma vez que reconhece a existência das patologias e das aflições humanas, entretanto, pretende investigar os fatores que dão significado ao que há de sadio no sujeito, explorando suas qualidades, juntamente com seus defeitos (Paludo & Koller, 2007; Snyder & Lopez, 2009). No nível individual, a Psicologia Positiva interessa-se pelas características individuais positivas, tais como vocação e capacidade para amar, coragem, habilidade em relações interpessoais, sensibilidade estética, perseverança, capacidade

de perdoar, originalidade, espiritualidade, competências e sabedoria. No nível grupal, reporta-se à responsabilidade, educação, altruísmo, civilidade, moderação, tolerância e trabalho ético (Seligman & Csikszentmihalyi, 2000)

O campo da Psicologia Positiva, no nível subjetivo, parte de autorrelatos de como a pessoa avalia sua vida, investigando, deste modo, a experiência subjetiva autopercebida sobre o bem-estar (Seligman, 2004). Adicionalmente, corresponde à maneira como o sujeito se percebe e às outras pessoas, o que pode resultar em maior prazer em vivenciar as situações cotidianas e o relacionamento com seus pares (Passareli & Silva, 2007), bem como compreende o modo pelo qual o indivíduo avalia sua vida, de forma global, nos seus variados aspectos cognitivos e afetivos (Diener, Lucas & Oishi, 2002).

O componente cognitivo refere-se a aspectos lógicos ou intelectuais acerca da satisfação de vida (Diener, Suh, Lucas & Smith, 1999), já o componente afetivo é a resposta fisiológica imediata do sujeito a um estímulo e normalmente se firma em uma sensação subjacente de excitação (Snyder & Lopez, 2009). De acordo com Bradburn (1969), em um dos mais importantes estudos de campo do bem-estar, os sentimentos de prazer e desprazer não são simples opostos um do outro, mas sim relativamente

independentes. Os afetos envolvem aspectos emocionais que podem ter caráter positivo ou negativo (Diener, 1984). Fredrickson (2001), citado por Graziano (2005), conceitua as emoções positivas como aquelas que favorecem a aproximação e a convivência com o outro, enquanto as emoções negativas são as relacionadas ao desprazer (Diener & Seligman, 2004).

Ainda de acordo com Diener (1984), o afeto positivo é um conceito relevante e tem sido compreendido como um contentamento legítimo, experimentado de forma pontual como um estado de alerta, de entusiasmo e de atividade. Constitui um sentimento provisório de prazer ativo, caracterizado como de um estado emocional, mais do que uma avaliação cognitiva. As principais emoções positivas são o contentamento, o orgulho, o encantamento, a alegria (Novo, 2003). Por outro lado, o afeto negativo refere-se a um estado de insatisfação, também temporário, cujas emoções são desagradáveis e aversivas, incluindo tristeza, medo, raiva, pessimismo entre outros sintomas psicológicos aflitivos. Pode ser medido por sentimentos tais como desilusão, angústia e tensão (Diener, 1984).

Diener e Biswas-Diener (2002) afirmam que o aumento da renda produziria pouco benefício adicional ao bem-estar, o que sugere uma baixa correlação entre indicadores econômicos e diferentes componentes e formas de bem-estar, como felicidade, satisfação de vida e afeto positivo. Por outro lado, no que se refere à idade, Lopes (2009) declara que os afetos positivos vão evoluindo ao longo da vida devido ao aumento da capacidade de regulação das emoções com a maturidade. O balanço afetivo tem um desenvolvimento crescente desde a juventude até a velhice (Ryff, 1989).

No que se refere à medida dos afetos, é importante a predominância dos afetos positivos sobre os negativos, de modo que a pessoa seja capaz de perceber aspectos positivos da vida, e não simplesmente notar a ausência de fatores negativos (Campbell, 1976 citado por Albuquerque & Tróccoli, 2004). De acordo com

Watson e Clark (1992), os afetos podem ser organizados em emoções específicas tanto positivas quanto negativas, refletindo o teor característico dos descritores de humor. Quanto à intensidade dos afetos, os indivíduos que experienciam níveis elevados de emoções negativas também tendem a experimentar altos níveis de emoções positivas e este fenômeno é observado mais frequentemente entre as mulheres (Larsen & Diener, 1987).

Ainda no que diz respeito aos afetos, quanto ao indicador negativo, de acordo com Diener et al. (1999), as mulheres são mais sensíveis às emoções negativas (culpa, tristeza, vergonha, raiva) do que os homens, uma vez que é tradicionalmente aceito que, considerando os papéis sociais, as mulheres apresentam maior suscetibilidade em relação às experiências emocionais. Ou seja, foi socialmente construído que as pessoas do sexo feminino são mais sensíveis, principalmente no que se refere aos sentimentos negativos (Albuquerque, Noriega, Martins & Neves, 2008).

A disposição emocional constitui um importante filtro por meio do qual a informação acerca da eficácia, outro construto estudado nesta pesquisa, é interpretada. Indicadores de ansiedade, fadiga ou depressão durante o desempenho da tarefa poderão diminuir a percepção de autoeficácia, enquanto que sentimentos de calma ou de entusiasmo poderão aumentar a competência percebida para a tarefa (Lent, Brown & Hackett, 1994). Assim, o nível de bem-estar subjetivo também pode ser influenciado pela crença que o indivíduo possui a respeito dos eventos que ocorrem em sua vida. Tal como afirmado por Peterson (1999), as teorias que tratam do controle pessoal, como a autoeficácia, tendem a apresentar relação com o bem-estar subjetivo, uma vez que esse autocontrole pode vir a maximizar os eventos positivos e a minimizar os negativos.

A autoeficácia (AE), por sua vez, é um conceito utilizado pela teoria cognitiva social de Bandura (1997, 1986) e refere-se a quanto o sujeito se acha capaz de realizar e organizar

atividades em situações diversas. Mais especificamente, é a percepção que o indivíduo tem sobre suas próprias capacidades, seu bem estar e suas realizações profissionais. Ainda de acordo com o autor, pessoas com forte percepção de autoeficácia poderiam experimentar menos estresse em situações que demandam mais esforço pessoal.

Maddux (1995) propôs autoeficácia como aquilo que o sujeito acredita poder fazer com as habilidades que possui em determinadas situações. Com base nesse preceito, o indivíduo examina o que precisa ser feito para atingir seus objetivos (expectativas de resultado), e analisa sua capacidade para realizar as ações necessárias (crenças de autoeficácia). Bandura (1997) sugeriu que as crenças são estabelecidas a partir de quatro fontes, a saber, experiência pessoal, ou seja, resultados obtidos em situações similares; aprendizagem vicária (comparação de suas atitudes com as de outro); persuasão verbal, externa e social; e aspectos somáticos e emocionais (ajuda o sujeito a avaliar sua confiança para realizar uma ação). A experiência pessoal é tida como a mais importante, uma vez que fornece evidência legítima de competência, ou seja, a crença é construída a partir dos sucessos ou fracassos da própria pessoa, ou da interpretação que ela dá às suas ações.

A AE consiste em crenças que podem afetar a execução das atividades escolhidas pelo indivíduo, o estabelecimento de objetivos e a persistência diante das dificuldades encontradas durante seu desempenho (Bem, 1972). Pessoas com nível baixo de autoeficácia podem não desenvolver suas potencialidades e se privam de experiências recompensadoras, duvidando de sua capacidade, devido às expectativas negativas sobre sua atuação futura. Por outro lado, sujeitos que acreditam em seu sucesso profissional tendem a assumir uma postura mais ativa no que diz respeito ao direcionamento de suas carreiras (Bandura, 1992).

As crenças de autoeficácia comprometem o desenvolvimento vocacional na medida em que predisõem o indivíduo a interessar-se por

atividades profissionais nas quais ele se percebe competente, além de estar associada ao bom desempenho profissional (Lent et al., 1994). Nesse sentido, a autoeficácia para escolha profissional pode ser conceituada como a confiança do indivíduo ao se engajar em tarefas de decisão profissional.

Para Nunes (2008), é possível notar que a análise da autoeficácia dentro do contexto de intervenção em orientação profissional e educacional é relevante, uma vez que a observação das atividades em que o sujeito apresenta crenças fortes de autoeficácia, aliadas às expectativas de resultado positivas e interesses equivalentes, pode indicar possíveis caminhos para a decisão profissional. Deste modo, pessoas com fortes crenças de autoeficácia podem comprometer-se de modo mais funcional com seu futuro profissional, por meio de comportamentos exploratórios vocacionais. Estas atitudes se fazem presentes na preparação individual para escolha de uma carreira e seu objetivo é obter informações sobre o sujeito da ação e sobre os contextos de interesse, a fim de orientar os atos futuros (Teixeira & Gomes, 2005).

Alguns estudos foram realizados acerca dos construtos afetos e autoeficácia, dentre eles, Otta e Fiquer (2004) investigaram o bem-estar de jovens, adultos, pessoas de meia-idade e idosas. Compararam as respostas de 85 pessoas (41 homens e 44 mulheres) de uma cidade do interior de São Paulo e 80 pessoas (40 homens e 40 mulheres) de João Pessoa. Em ambas as cidades, os participantes distribuíram-se em quatro grupos etários, a saber, jovens ( $n=40$ ), adultos ( $n=45$ ), meia-idade ( $n=40$ ) e idosos ( $n=40$ ). Utilizou-se a Escala de Afetos Positivos e Negativos (PANAS). Os resultados encontrados, por meio de Análise de Variância Multivariada, apresentaram um efeito global significativo de idade e de interação entre idade e sexo. Análises univariadas revelaram efeito principal significativo de idade para “nervosismo” e “satisfação”, de modo que os idosos consideraram-se menos nervosos do que as pessoas de meia-idade e mais satisfeitos com a vida do que os jovens, adultos e pessoas de meia-idade. Ao lado disso, dentre os jovens, garotas

relataram menos calma que rapazes.

A fim de desenvolver uma Escala de Afeto Positivo e Negativo para crianças, Giacomoni e Hutz (2006) realizaram dois estudos, um de construção da escala e outro de validação concorrente, procurando avaliar o nível de afeto positivo e negativo, assim como, verificar possíveis diferenças entre sexos, faixa etária e tipo de escola. Participaram do estudo de construção da escala 661 crianças (52.2% meninos) entre 7 e 12 anos ( $M=10.6$  anos;  $DP=1.7$  anos) de escolas públicas (54%) e privadas (46%) de Porto Alegre. Quanto ao tipo de escola não foram encontradas diferenças significativas para Afeto Positivo e Negativo. Quanto ao sexo, as diferenças se mostraram significativas, sendo que as meninas apresentaram menores níveis de afeto positivo do que os meninos ( $M=4.03$ ;  $DP=.59$ ). No que se refere à análise da faixa etária, foram constatadas diferenças significativas entre as crianças de 7-8 anos, que relataram maiores níveis de afeto positivo, e as crianças de 9-10 anos ( $M=3.99$ ;  $DP=.59$ ) e as crianças de 11-12 anos ( $M=3.91$ ;  $DP=.59$ ), que reportaram menores níveis de afeto positivo.

Araújo, Carlos, Andrade, Santos e Fonsêca (2010) realizaram um estudo com 588 estudantes, procedentes de escolas particulares e públicas de João Pessoa (PB), sendo a maioria do sexo feminino (57.7%) e com idades variando entre 12 e 20 anos. A pesquisa teve por objetivo verificar o nível de afetos positivos e negativos em função do sexo e do tipo de escola e analisar as consequências no aprendizado. O instrumento utilizado foi a Escala de Afetos Positivos e Negativos e os resultados indicaram que, em relação aos afetos negativos, as meninas obtiveram médias maiores que os meninos. Comparando o tipo de escola, os autores verificaram que os alunos de escola pública pontuaram mais nos afetos negativos, entretanto nos afetos positivos não houve diferença significativa.

Dentre as pesquisas que avaliaram autoeficácia, está a de Nunes e Noronha (2009). O objetivo das autoras foi estudar as diferenças na

autoeficácia e nos interesses profissionais em função do sexo, série escolar e tipo de escola. Para tanto, pesquisaram 333 estudantes, sendo 151 do sexo masculino e 182 do sexo feminino. Quanto às séries cursadas, verificou-se que 154 estavam na primeira série do ensino médio, 104 na segunda série e 75, na terceira. As idades variaram entre 14 e 19 anos ( $M=15.9$ ;  $DP=.90$ ). Os alunos eram provenientes de quatro escolas do interior de São Paulo, sendo três particulares ( $n=111$ ) e uma pública ( $n=222$ ). Foram utilizados a Escala de Autoeficácia para Atividades Ocupacionais (EAAOc), que busca avaliar a autoeficácia para atividades ocupacionais e as fontes de autoeficácia associadas a elas e o *SDS-Self-Directed Search Career Explorer* que avalia os interesses profissionais.

Quanto a possíveis diferenças de médias nas fontes de autoeficácia no que se refere à variável sexo, os fatores 1 (experiência pessoal direta) e 3 (aprendizagem vicária) apresentaram diferenças significativas e as mulheres obtiveram médias mais elevadas do que os homens, o que sugere maior influência das experiências pessoais diretas e da persuasão verbal para os jovens de sexo feminino. No que diz respeito à análise das fontes pelo tipo de escola, houve diferenças significativas apenas para o fator das experiências pessoais diretas, com uma média mais alta para a escola pública. Desse modo, no que se referem às atividades ocupacionais listadas pelos jovens, as experiências diretas provavelmente são vivenciadas com maior frequência pelo jovem de escola pública. Já quanto à variável série escolar, houve significância estatística apenas para a aprendizagem vicária, sendo que as médias foram crescentes à medida que avançavam as séries.

Com o objetivo de avaliar as propriedades psicométricas da Escala de Autoeficácia para a Escolha Profissional (EAE-EP), Ambiel (2010) buscou diferenças de média entre sexos, tipos de escola e séries. Participaram 308 jovens, sendo 128 homens (41.6%), 177 mulheres (57.5%) e três (1%) que não forneceram essa informação. As idades variaram entre 14 e 26 anos ( $M=16.64$ ;  $DP=1.2$ ). Com relação às séries, 48 (15.3%) estavam cursando a primeira série do Ensino



Médio, 131 (42.5%) cursavam a segunda série e 128 (41.6%) estavam na terceira série. Os instrumentos utilizados foram a Escala de Aconselhamento Profissional (EAP), a Bateria Fatorial de Personalidade (BFP) e a EAE-EP e foram observadas várias correlações significativas, com magnitudes variando entre baixas e moderadas, com destaque para as relações positivas entre os fatores da EAE-EP com as Atividades Burocráticas, Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, Extroversão, Socialização e Realização.

Adicionalmente, os resultados indicaram que em três dos quatro fatores, quais sejam Autoeficácia para Coleta de Informações Ocupacionais, Autoavaliação, Busca de Informação Profissional Prática, e no escore geral da EAE-EP houve diferenças significativas entre gênero, com maiores médias sempre a favor das mulheres. As séries não se diferenciaram estatisticamente, e embora o fator Autoeficácia para Coleta de Informações Ocupacionais tenha atingido um nível de significância estatística marginal ( $p=.073$ ), a prova de *Tukey* encontrou dois subconjuntos significativamente diferentes, de modo que a 1ª série ficou com menor média, e a 3ª série, com maior.

Mais recentemente, Ambiel, Noronha e Santos (2011), com o objetivo de avaliar a validade de construto e a precisão da Escala de Autoeficácia para Escolha Profissional (EAE-EP), realizaram um estudo com 223 estudantes de Ensino Médio de uma escola pública do estado de São Paulo. As idades variaram entre 14 e 18 anos ( $M=15.6$  anos;  $DP=.95$ ), e 112 (50.2%) eram do sexo feminino. Como instrumentos foram utilizados a EAE-EP e o Inventário de Levantamento das Dificuldades de Decisão Profissional (IDDP), e os resultados indicaram que o escore geral da EAE-EP se correlacionou negativamente com o IDDP nos fatores Falta de Informação ( $r=-.15$ ;  $p\leq.05$ ) e Informações Inconsistentes ( $r=-.20$ ;  $p\leq.05$ ), enquanto que a seção Nível de Dificuldade mostrou-se positivamente correlacionada com os mesmos fatores, com  $r=.28$  ( $p\leq.000$ ) e  $r=.15$  ( $p\leq.05$ ). Quanto à precisão, o *alpha* de *Cronbach* foi de

0.96. Pode-se concluir que os estudos iniciais da EAE-EP mostraram ser viável um investimento em seu desenvolvimento.

Isto posto, o presente estudo teve por objetivo verificar a relação entre afetos positivos e negativos e autoeficácia para a escolha profissional em estudantes do nível médio. Adicionalmente, pretendeu-se investigar as possíveis diferenças entre sexo, idade e tipo de escola. O estudo é exploratório e apesar de algumas pesquisas investigarem essas duas variáveis, ainda não foi realizado nenhum estudo de correlação entre elas, por meio desses instrumentos.

## MÉTODO

### Participantes

Participaram 60 estudantes, eleitos por conveniência, do ensino médio provenientes de duas escolas, uma pública ( $n=30$ ) e outra particular ( $n=30$ ), do interior de São Paulo, sendo que 51.7% eram do sexo feminino e 48.3% do sexo masculino. As idades variaram entre 14 e 18 anos, com média de 15.57 anos ( $DP=1.08$ ). No que se refere às séries, 43.3% dos participantes cursavam a 2ª e o restante se dividiu entre a 1ª e a 3ª, com 28.3% cada uma.

### Instrumentos

Foi utilizada a *Escala de Afetos Zanon* (EAZ) de autoria de Zanon e Hutz (2010), que se constitui em uma escala tipo *Likert* de 5 pontos, variando de 'nada a ver com você' (1 ponto) a 'tudo a ver com você' (5 pontos), cujo objetivo é avaliar os afetos positivos e negativos. A escala é composta por 20 afirmações que descrevem sentimentos e emoções passadas e presentes, como por exemplo, "Sou apaixonado por algumas coisas que eu faço". O instrumento é autoaplicável, sendo necessária apenas a folha de resposta, a qual contém a descrição dos itens.

Os estudos psicométricos foram realizados com base em uma amostra de 853 universitários, sendo 57% mulheres, com média

de idade de 21 anos ( $DP=3$ ). A primeira versão do instrumento continha 29 itens, reduzidos a 20 após a Análise de Componentes Principais, com rotação *Oblimin*. Os índices de consistência interna não foram satisfatórios para os modelos de três e quatro fatores, bem como alguns itens apresentaram cargas fatoriais acima de .35 em mais de um fator. Os autores fizeram uma análise bifatorial, de modo que a versão final da escala ficou composta por 20 itens distribuídos em duas subescalas, sendo uma delas com 10 usados para avaliar os afetos positivos, e a outra também com 10 para avaliar os afetos negativos. O alfa de *Cronbach* para afeto positivo foi de .83 e para afeto negativo, .77. Evidências de validade foram estabelecidas por meio das correlações entre a EAZ e a *Positive and Negative Affect Schedule* (PANAS), cujos coeficientes foram  $r=.73$  para afetos positivos e  $r=.74$  para negativos, indicando que as escalas medem o mesmo construto.

Outro instrumento utilizado foi a *Escala de Autoeficácia para Escolha Profissional* (EAE-EP) (Ambiel & Noronha, 2012), composta por 47 itens com o objetivo de avaliar as crenças das pessoas na própria capacidade para se empenhar em tarefas relativas à escolha profissional. A avaliação se dá por meio de quatro fatores, quais sejam, 'Autoavaliação' (avalia as crenças das pessoas sobre suas capacidades para escolher uma profissão a partir do conhecimento suas próprias características pessoais, opiniões, interesses e habilidades e comparando suas características e valores com o que uma profissão demanda); 'Coleta de Informações Ocupacionais' (informa o quanto as pessoas acreditam que podem buscar informações sobre as profissões utilizando-se de diversos meios e estratégias, tais como internet, reportagens e cursos); 'Busca de Informação Profissional Prática' (investiga as crenças das pessoas de que podem obter informações importantes sobre o mundo do trabalho por meio de relacionamentos interpessoais) e 'Planejamento de Futuro' (avalia o quanto as pessoas acreditam que podem considerar questões relativas à futura formação e do próprio exercício da profissão escolhida, com ênfase em questões financeiras), além de um escore geral.

O estímulo ao qual as pessoas respondem é “quanto você acredita na sua capacidade de” e deve ser respondido em Escala tipo *Likert* de quatro pontos, sendo 1 “pouco” e 4, “muito”, com pontuação bruta variando entre 47 e 188 pontos. Os pontos 2 e 3 não tem uma denominação específica, mas significam graduações entre os pontos extremos. Os itens são frases que se iniciam em verbos no infinitivo, referentes a ações relacionadas à escolha profissional.

Participaram dos estudos psicométricos da EAE-EP 1318 estudantes das três séries do ensino médio com idades entre 14 e 21 anos, com média de idade de 16.2 anos ( $DP=1.2$ ), sendo 56.4% de mulheres. Em relação ao tipo de escola, 836 estudantes (63,4%) eram de escolas públicas e 482 (36,6%) de particulares, de quatro diferentes cidades do interior de São Paulo e uma de Minas Gerais. A estrutura fatorial obtida indicou evidências de validade baseada na estrutura interna. Os coeficientes alfa de *Cronbach*, na amostra total, variaram entre .79 (Planejamento de Futuro) e .88 (Autoavaliação), sendo que o escore total obteve um alfa de .94.

## Procedimento

Após aprovação da pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade São Francisco (CAEE 0190.0.142.000-10), deu-se início à coleta de dados. Os Termos de Consentimento Livre e Esclarecidos foram entregues aos responsáveis legais, os quais foram recolhidos pelas coordenadoras pedagógicas, devidamente assinados. Os instrumentos foram aplicados, coletivamente, nas salas de aula das instituições de ensino, pela segunda autora. O primeiro instrumento aplicado foi a EAE-EP, seguido pela EAZ. O tempo total de aplicação dos instrumentos foi de aproximadamente 40 minutos.

## RESULTADOS

Considerando os objetivos do estudo, os resultados obtidos com os instrumentos utilizados

(EAZ e EAE-EP) foram analisados por meio da estatística descritiva e inferencial. Dessa forma, primeiramente serão apresentadas considerações

sobre o desempenho dos estudantes em cada instrumento separadamente.

Tabela 1

*Estatísticas descritivas dos afetos positivos e negativos.*

EAZ	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio Padrão
Afetos Negativos	60	12	44	27.07	8.113
Afetos Positivos	60	21	45	35.15	5.671

Os resultados relativos à avaliação dos afetos positivos e afetos negativos, considerando a amostra total, são apresentados na Tabela 1. Foi possível constatar que os estudantes tiveram maior média nos afetos positivos, que nos negativos. Pretendeu-se também verificar se os afetos se diferenciavam em razão da idade dos participantes. Sob esta perspectiva, foi possível perceber que os estudantes obtiveram maior média nos afetos positivos, em todas as idades, sendo que os estudantes de 14 anos obtiveram a maior em relação aos de 15, 16, 17 e 18 anos. Assim, verifica-se que há tendência de diminuir a média dos afetos positivos à medida que a idade aumenta. Este dado pode sugerir que quanto maior a idade, menos prazer a pessoa sente ao experimentar coisas novas ou ainda sentir-se menos corajoso, entre outras coisas. Apesar disso, verificou-se não haver diferença estatisticamente significativa em função da idade, tanto para os afetos positivos ( $F[4, 55]=1.057$ ;  $p=.387$ ), quanto para os negativos ( $F[4, 55]=.400$ ;  $p=.808$ ) para a amostra investigada.

No que se refere aos afetos positivos e negativos e o tipo de escola frequentada, os participantes apresentaram média mais alta nos afetos positivos, na escola pública e na escola particular, com a média da escola pública um pouco superior. A estatística inferencial indicou que não há diferença estatisticamente significativa quanto ao tipo de escola frequentado para os afetos positivos ( $t[58]=.520$ ;  $p=.605$ ) e

para os negativos ( $t[58]=-1.412$ ;  $p=0.163$ ). Esse resultado pode indicar que o tipo de escola frequentada não interfere no quanto a pessoa sente-se feliz, corajosa ou apaixonada pelas suas coisas.

A possível diferença entre os gêneros foi estudada. Assim, os meninos apresentaram média maior nos afetos positivos (36.03), enquanto a média das meninas nos afetos negativos mostrou-se superior. O resultado indica que as meninas sentem-se mais tristes, zangadas ou cansadas do que os meninos. Apesar disso, houve diferença estatisticamente significativa marginal para os afetos negativos ( $t[58]=-1.988$ ;  $p=.052$ ) e não houve diferença significativa para os positivos ( $t[58]=-1.172$ ;  $p=.246$ ), quando se considera essa variável.

No que se refere às análises descritivas da Escala de Autoeficácia para a Escolha Profissional (EAE-EP), as pontuações de seus fatores foram padronizados, a fim de que pudessem ser comparados, uma vez que tinham quantidades diferentes de itens. Vale ressaltar que o escore total não sofreu essa padronização.

Considerando a amostra total, os alunos obtiveram média maior no fator 'Planejamento do Futuro', enquanto que no fator 'Busca de informações ocupacionais práticas' eles apresentaram a menor. Ao analisar os resultados relativos à autoeficácia para a escolha profissional, considerando a idade dos sujeitos,



observou-se que os estudantes de todas as idades obtiveram médias mais altas no fator 'Planejamento de Futuro' do que nos outros fatores, sendo que, entre todos, os alunos na faixa dos 18 anos foram os que apresentaram a maior média. No entanto, há que se ressaltar que não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas em função dessa variável para os fatores 'Autoavaliação' ( $F[4, 55]=.574; p=.683$ ), 'Coleta de informações ocupacionais' ( $F[4, 55]=1.523; p=.208$ ), 'Busca de informações ocupacionais práticas' ( $F[4, 55]=1.294; p=.284$ ), 'Planejamento de futuro' ( $F[4, 55]=1.107; p=.363$ ) e também para o total da EAE-EP ( $F[4, 55]=1.256; p=.299$ ).

No que se refere aos resultados que avaliaram a autoeficácia para a escolha profissional, analisando os participantes em função do tipo de escola, foi possível constatar que os estudantes de escola particular tiveram maior média nos fatores 'Coleta de Informações Ocupacionais', 'Busca de Informações Ocupacionais Práticas' e 'Autoavaliação' e os alunos da escola pública apresentaram média maior no fator 'Planejamento de futuro'. A análise inferencial indicou não haver diferença

significativa para os fatores 'Autoavaliação' ( $t[58]=.721; p=.474$ ), 'Coleta de informações ocupacionais' ( $t[58]=.707; p=.482$ ), 'Busca de informações ocupacionais práticas' ( $t[58]=.215; p=.831$ ), 'Planejamento de futuro' ( $t[58]=.301; p=.765$ ) e também para o total da EAE-EP ( $t[58]=.358; p=.722$ ).

Os resultados relativos à avaliação da autoeficácia para a escolha profissional, considerando o gênero da amostra, revelaram que as meninas apresentaram maiores médias em todos os fatores da EAE-EP em relação aos meninos. Não foram verificadas diferenças estatisticamente significativas para os fatores 'Autoavaliação' ( $t[58]=1.453; p=.152$ ), 'Busca de informações ocupacionais práticas' ( $t[58]=1.623; p=.110$ ) e 'Planejamento de futuro' ( $t[58]=1.565; p=.123$ ), porém houve diferenças estatisticamente significativas para o fator 'Coleta de informações ocupacionais' ( $t[58]=2.881; p=.006$ ) e para o total da EAE-EP ( $t[58]=2.316; p=.025$ ).

Além dessas análises, verificou-se a associação entre os afetos positivos e negativos e autoeficácia para a escolha profissional desses estudantes. A Tabela 2 mostra os achados.

Tabela 2

*Correlação de Pearson entre os instrumentos EAZ e EAE-EP.*

EAZ		EAE-EP				
		Autoavaliação	Coleta de informações Ocupacionais	Busca de informações Ocupacionais Práticas	Planejamento de futuro	Total
Afetos Negativos	<i>r</i>	.01	.06	.20	.07	.10
	<i>p</i>	.97	.66	.12	.62	.45
Afetos Positivos	<i>r</i>	.44**	.26*	.20	.22	.35**
	<i>p</i>	.000	.05	.13	.10	.01

Por fim, no que se refere aos resultados da correlação entre os Afetos e a Autoeficácia para a Escolha Profissional foi possível verificar que os coeficientes revelaram-se estatisticamente significativos entre os Afetos Positivos e o fator 'Autoavaliação' e 'Coleta de informações ocupacionais' da EAE-EP, bem como com o escore total. A seguir, são apresentadas as discussões.

## DISCUSSÃO

O presente estudo investigou as associações entre afetos positivos e negativos e autoeficácia para escolha profissional. Constatou-se que os estudantes tiveram maior média nos afetos positivos. Com isso pode-se inferir que esses participantes apresentam mais sentimentos de bem estar, tais como coragem, alegria, determinação, confiança, entre outros, enquanto estão menos suscetíveis à tristeza, humilhação ou raiva (Zanon & Hutz, 2010). De acordo com Passareli e Silva (2007), os alunos possivelmente apresentam mais prazer em vivenciar situações cotidianas e em relacionar-se com seus pares.

Em relação à diferença de afetos entre as diferentes idades estudadas, verificou-se uma tendência de diminuição da média dos afetos positivos à medida que a idade aumentava. Este dado pode sugerir que quanto maior a idade, menos prazer a pessoa sente ao experimentar coisas novas ou ainda sentir-se menos corajoso, entre outras coisas. O balanço afetivo tem um desenvolvimento crescente desde a juventude até a velhice, o que está em concordância com as asserções de Ryff (1989). No entanto, as diferenças encontradas não foram significativas, o que contraria as asserções de Snyder e Lopes (2009), no sentido de que os afetos positivos vão evoluindo ao longo da vida devido ao aumento da capacidade de regulação das emoções com a maturidade.

Os achados relativos aos afetos positivos e negativos entre tipos de escola corroboram os achados de Giacomoni e Hutz (2006), nos quais não foram encontradas diferenças significativas

entre eles. Essa evidência também foi constatada por Araújo et al. (2010) quando verificou em sua pesquisa não haver diferença expressiva nos afetos positivos entre os alunos de escolas públicas e particulares. Os estudos de Diener e Biswas-Diener (2002) também indicam que o aumento da renda produziria pouco benefício adicional ao bem-estar, o que sugere uma baixa correlação entre indicadores econômicos e diferentes componentes e formas de bem-estar, como felicidade, satisfação de vida e afeto positivo.

No que se refere às diferenças entre os gêneros, os resultados confirmam a literatura, uma vez que de acordo com Diener et al. (1999), as mulheres são mais sensíveis às emoções negativas do que os homens. Essas evidências também são reiteradas por Otta e Fiquer (2004), Giacomoni e Hutz (2006) e Araújo et al. (2010) que encontraram em seus estudos diferenças de médias entre os gêneros, com as meninas obtendo menores níveis de afeto positivo do que os meninos.

A Escala de Autoeficácia para Escolha Profissional indicou que os participantes acreditam que podem considerar questões relativas à futura formação e atuação profissional no momento da escolha profissional, entretanto, parecem não confiar, na mesma proporção, que podem obter informações importantes sobre o mundo do trabalho por meio de relacionamentos interpessoais (Ambiel & Noronha, 2012). Os achados corroboraram o proposto por Bandura (1997) no sentido de ser menos estressante para as pessoas experimentarem situações que demandem mais esforço próprio. Assim, o planejamento de futuro independe de fatores externos, o que não ocorre para a busca de informações ocupacionais práticas que demanda o auxílio de profissionais atuantes na área de escolha.

Na formação da autoeficácia, tal como anunciado por Bandura (1997), a experiência pessoal é tida como a mais importante fonte, uma vez que fornece uma evidência legítima de competência, ou seja, a crença é construída a partir

dos sucessos ou fracassos da própria pessoa ou da interpretação que ela dá às suas ações. Assim, parece não estar diretamente relacionada à idade.

O escore total da Escala em relação ao tipo de escola, bem como os fatores, não se diferenciaram. Os dados não são condizentes com o manual do instrumento, no sentido de que o tipo de escola pode ser uma variável que atue sobre a crença dos adolescentes a respeito de suas capacidades para se engajar em tarefas de escolha profissional (Ambiel & Noronha, 2012). Assim, o dado deve ser mais pesquisado em estudos futuros.

Quanto às diferenças entre os gêneros, os resultados indicaram que as médias foram significativamente maiores para as meninas, no fator 'Coleta de informações ocupacionais' e no escore da Escala. Assim, pode-se afirmar que as meninas acreditam mais em sua capacidade para se engajar em tarefas relacionadas à escolha profissional do que os meninos. Tais tarefas envolvem habilidades como avaliar suas características pessoais, habilidade e interesses; coletar informações sobre profissões em diferentes meios; buscar informações sobre o mundo do trabalho por meio de relacionamentos interpessoais; e planejar o futuro profissional, como foco em questões financeiras (Ambiel & Noronha 2012). As evidências são confirmadas pelos achados de Nunes e Noronha (2009) e de Ambiel (2010) que encontraram em seus estudos diferenças significativas entre gênero, com maiores médias sempre em favor das mulheres.

Por fim, no que se refere à associação entre os construtos, para Peterson (1999), o nível de bem-estar subjetivo pode ser influenciado pela crença que o indivíduo possui a respeito dos eventos que ocorrem em sua vida. Desta forma, aspectos emocionais constituem importante filtro por meio do qual a informação acerca da eficácia é interpretada. Sendo assim, sentimentos considerados positivos tendem a aumentar a percepção do sujeito sobre sua competência para uma tarefa (Lent et al., 1994).

#### Considerações Finais

No presente estudo pretendeu-se contribuir com a análise da associação entre os afetos positivos e negativos e a autoeficácia para a escolha profissional, bem como investigar as diferenças entre os instrumentos usados em função do gênero, idade e tipo de escola dos estudantes de Ensino Médio. Sugere-se que pesquisas futuras investiguem, com amostras mais representativas e heterogêneas, como essas variáveis se relacionam com esses construtos e também explorem o comportamento dos estudantes ou adolescentes quanto à avaliação dos afetos e autoeficácia.

Apesar de os resultados se apresentarem significativos e coerentes com a literatura científica, é imprescindível acenar na direção de que mais investigações devem ser realizadas, uma vez que a escolha dessa amostra foi feita por conveniência. Um número maior de participantes e de outras regiões do país podem favorecer diferentes análises e resultados mais bem definidos, contribuindo para a ampliação de estudos relacionados à Psicologia Positiva e à Autoeficácia para a Escolha Profissional.

Por fim, partindo do pressuposto de que a Psicologia Positiva contribui com o trabalho de prevenção, um maior número de estudos relacionando esses construtos pode colaborar no processo de orientação profissional, possibilitando que os orientandos explorem suas qualidades e aptidões de maneira efetiva. E a partir disto, ampliar a confiança do sujeito para se envolver em tarefas de decisão profissional.

#### REFERÊNCIAS

- Albuquerque, A.S. & Tróccoli, B.T. (2004). Desenvolvimento de Uma Escala de Bem-Estar Subjetivo. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 20(2) 153-164.
- Albuquerque, F. J. B., Noriega, J.A.V., Martins, C.R. & Neves, M. T. S. (2008). Locus de controle e bem-estar subjetivo em estudantes universitários da Paraíba. *Psicologia para América Latina*, 13. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1870-350X2008000200011&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1870-350X2008000200011&lng=pt&nrm=iso)>.

- Ambiel, R. A. M. (2010) *Construção da escala de autoeficácia para escolha profissional*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Psicologia. Universidade São Francisco, Itatiba.
- Ambiel, R. A. M. & Noronha, A.P.P. (2012). *Escala de Auto-eficácia para escolha profissional*. Manual Técnico. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Ambiel, R. A. M., Noronha, A.P.P. & Santos, A.A.A. (2011). Escala de Auto-Eficácia para Escolha Profissional: avaliação preliminar das propriedades psicométricas. *Psicología para América Latina. Revista Electrónica Internacional de la Unión Latinoamericana de Entidades de Psicología*. Disponível em <http://psicolatina.org/21/escala.html>.
- Araújo, D. S. L., Carlos, K. A., Andrade, P.O., Santos, J. L. F. & Fonsêca, P. N. (2010). Apresentação de Trabalho/Simpósio. Universidade Federal da Paraíba.
- Bandura, A. (1986). *Social foundations of thought and action: A social cognitive theory*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall.
- Bandura, A. (1992) *Exercise of personal agency thought the self-efficacy mechanism*. In: Schwarzer (Org.) *Self-efficacy: thought control of action*. Washington: Hemisphere.
- Bandura, A. (1997). *Self-efficacy: The exercise of control*. New York: Freeman.
- Bem, D. J. (1972). *Atitudes, crenças e convicções*. São Paulo: Herder.
- Bradburn, N. M. (1969). *The structure of psychological well-being*. Chicago: Aldine
- Diener, E. (1984). Subjective Well-Being. *Psychological Bulletin*, 95, 542-575.
- Diener, E., Suh, E., Lucas, R.E. & Smith, H.L. (1999). Subjective well-being: Three decades of Progress. *Psychological Bulletin*, 125, 276-302
- Diener, E., & Biswas-Diener, R. (2002). Will money increase subjective well-being? A literature review and guide to needed research. *Social Indicators Research*, 57(2), 119-169
- Diener, E., Lucas, R. E., & Oishi, S. (2002). Subjective well-being: The science of happiness and life satisfaction. Em C. R. Snyder & S. J. Lopez (Eds.), *The handbook of positive psychology* (pp. 63-73). Oxford: Oxford University Press.
- Diener, E., & Seligman, M. E. P. (2004). Beyond money: toward an economy of well-being. *Psychological Science in the Public Interest*, 5(1), 1-31.
- Giacomoni C.H. & Hutz C. S. (2006). Escala de afeto positivo e negativo para crianças: estudos de construção e validação. *Psicologia escolar e educacional*, 10(2), 235-246.
- Graziano, L. D. (2005). *A Felicidade Revisitada: um Estudo sobre Bem-estar Subjetivo na visão da Psicologia Positiva*. Tese de Doutorado. Programa de Pós Graduação do Instituto de Psicologia Universidade de São Paulo. São Paulo
- Larsen, R. J., & Diener, E (1987). Affect intensity as an individual difference characteristic: a review. *Journal of Research in Personality*, 21(1), 1-39.
- Lent, R.W., Brown, S.D., & Hackett, G. (1994). Toward a unifying social cognitive theory of career and academic interest, choice, and performance. *Journal of Vocational Behavior*, 45, 79-122.
- Lopes, S. A. S. (2009). *Envelhecimento, Bem-Estar Subjetivo e Prática Desportiva: Um estudo realizado em adultos praticantes de Natação e Hidroginástica*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós Graduação em Ciência do Desporto, Área de especialização em Actividade Física e Saúde da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto. Porto
- Maddux, J.E. (1995). *Self-efficacy, adaptation and adjustment: theory, research, and application*. New York: Plenum Press
- Novo, R. F. (2003). *Para além da Eudaimonia. O bem-estar psicológico em mulheres na idade adulta avançada*. (Textos Universitários de Ciências Sociais e Humanas). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Nunes, M.F.O. (2008). *Funcionamento e desenvolvimento das crenças de auto-eficácia: Uma revisão*. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 9(1), 29-42.
- Nunes, M. F. O. & Noronha, A. P. P. (2009). Autoeficácia para Atividades Ocupacionais e Interesses Profissionais em Estudantes do Ensino Médio. *Psicologia Ciência E Profissão*, 29(1), 102-115.

- Otta, E. & Fiquer, J.T. (2004). Bem-estar subjetivo e regulação de emoções. *Psicologia em Revista (10)* 15, 144-149.
- Paludo, S. S. & Koller, S. H. (2007). Psicologia Positiva: uma nova abordagem para antigas questões. *Paidéia*, 17(36), 9-20.
- Passareli, P.M. & Silva, J.A. (2007). Psicologia positiva e o estudo do bem-estar subjetivo. *Estudos de Psicologia* 24(4), 513-517.
- Peterson, C. (1999). Personal control and well-being. Em D. Kahneman, E., E. Diener, N., Schwarz, (Eds.), *Well-being: The foundations of hedonic psychology* (pp. 288-301). New York, NY, US: Russell Sage Foundation.
- Ryff, C.D. (1989). Happiness is everything, or is it? Explorations on the meaning of psychological well-being. *Journal of personality and social psychology*, 57(6), 1069-1081.
- Seligman, M. (2004). *Felicidade Autêntica: Usando a nova Psicologia Positiva para a realização permanente*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- Seligman, M. E. P., & Csikszentmihalyi, M. (2000). Positive psychology: an introduction. *American Psychologist*, 55(1), 5-14
- Snyder, C. R. & Lopez, S. J. (2009). *Psicologia Positiva – uma abordagem científica e prática das qualidades humanas*. São Paulo: Artmed.
- Teixeira, M. A. P. & Gomes, W. B. (2005). Decisão de Carreira entre Estudantes em Fim de Curso Universitário. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 21(3), 327-334.
- Watson, D., Clark, L. A. (1992). Affects separable and inseparable: on the hierarchical arrangement of the negative affects. *Journal of Personality and Social Psychology*, 62(3), 489-505.
- Zanon, C. & Hutz, C. S. (2010). *Construção da Escala de Afetos Zanon*. Relatório de pesquisa não publicado. Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Psicologia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

**Recibido:** 28 de agosto del 2012

**Aceptado:** 24 de setiembre del 2012



